

22 AGO 1996

## COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

# Sarney não sobe em canoa alheia

O presidente do Senado, José Sarney, não integrará a frente anti-reeleição, por hora capitaneada por Paes de Andrade e Itamar Franco, por uma razão muito simples: tem mais o que fazer. Evidentemente que Sarney não trata do assunto nesses termos. Ao contrário.

Rende todas as homenagens a Itamar — por quem faz questão de mostrar apreço —, mantém postura protocolar em relação ao presidente de seu partido, mas quem está perto dele todos os dias não tem dúvida de que providenciar empada para a azeitona alheia não tem feito — nem fará — parte das tarefas a que se dedica Sarney.

Não passa pela cabeça de ninguém que tenha conversado com ele nos últimos dias que vá embarcar na guerra santa que Paes de Andrade está tentando criar contra Fernando Henrique para, à falta de votos para a eleição da presidência da Câmara, buscar eleitores entre aqueles que são contra a reeleição.

Sarney vai ao encontro combinado pelos dois na semana que vem, mas repete o que já disse durante a semana: "Assinar manifesto, não assino mesmo." O último de que se lembra foi um que pedia a legalização do Partido Comunista Brasileiro (cuja legalidade fez-se depois em seu governo) e que lhe rendeu apontamento em ficha do SNI. "Aquele já me deu aborrecimento suficiente", encerra sem muita vontade de se aprofundar nas considerações e implicações de um assunto a respeito do qual não tratará com seriedade agora.

Não é o momento nem o público é aquele que decidirá nada de relevante e definitivo.

De Itamar, por enquanto, Sarney quer a filiação ao PMDB. Vai estar com ele da mesmíssima forma como encontravam-se sempre que um ia a Lisboa e o outro vinha ao Brasil. "Estou empenhado em trazer Itamar para o partido, pois é um grande nome de repercussão nacional." Quanto a eventuais candidaturas, Sarney escapa da questão lembrando que seu partido decidiu em convenção não tratar disso a não ser a partir do ano que vem. "Se nos encontrássemos para falar de reeleição, estaríamos descumprindo uma posição partidária."

Se Itamar será ou não candidato com o beneplácito do PMDB, já é outra história: "Não se convida ninguém à mesa com a intenção de excluir o convidado de algumas atrações." Ou seja, não diz que sim nem não, deixando ao talvez a possibilidade de ter o céu como limite. Se quer realmente atrair Itamar ao partido não poderia dizer nada diferente mesmo.

Mas embora Sarney prefira manter postura neutra e boca fechada enquanto o período é de indefinições, no grupo de Itamar Franco existe a avaliação de que ele poderá até não se engajar com firmeza na luta contra a reeleição e, no caso de a emenda ser aprovada, apresentar-se à disputa mesmo contra Fernando Henrique.

O pensamento dos mineiros que acompanharam Itamar de perto durante todo o governo e agora articulam a grande volta é que nesse quadro o desafiante seria Fernando Henrique e não Itamar. Simplesmente porque, revelam agora, quando o atual presidente da República deixou o Ministério da Fazenda para entrar em campanha teria prometido devolver — "daqui a quatro anos" — o poder àquele que lhe avalizava a candidatura.

Segundo eles, se Fernando Henrique tivesse dado uma única pista de que tentaria a reeleição, talvez não obtivesse à época o apoio de Itamar.

Há, no entanto, outros interlocutores de Fernando Henrique e José Sarney cuja análise mais sóbria conclui que a Itamar basta participar do processo para se credenciar àquele que é de fato o seu sonho ainda não realizado: governar Minas Gerais.